

Nº 24 • 2 a 8 de Setembro de 1993 • 350\$00

# VISÃO

O REGRESSO  
DOS EMIGRANTES

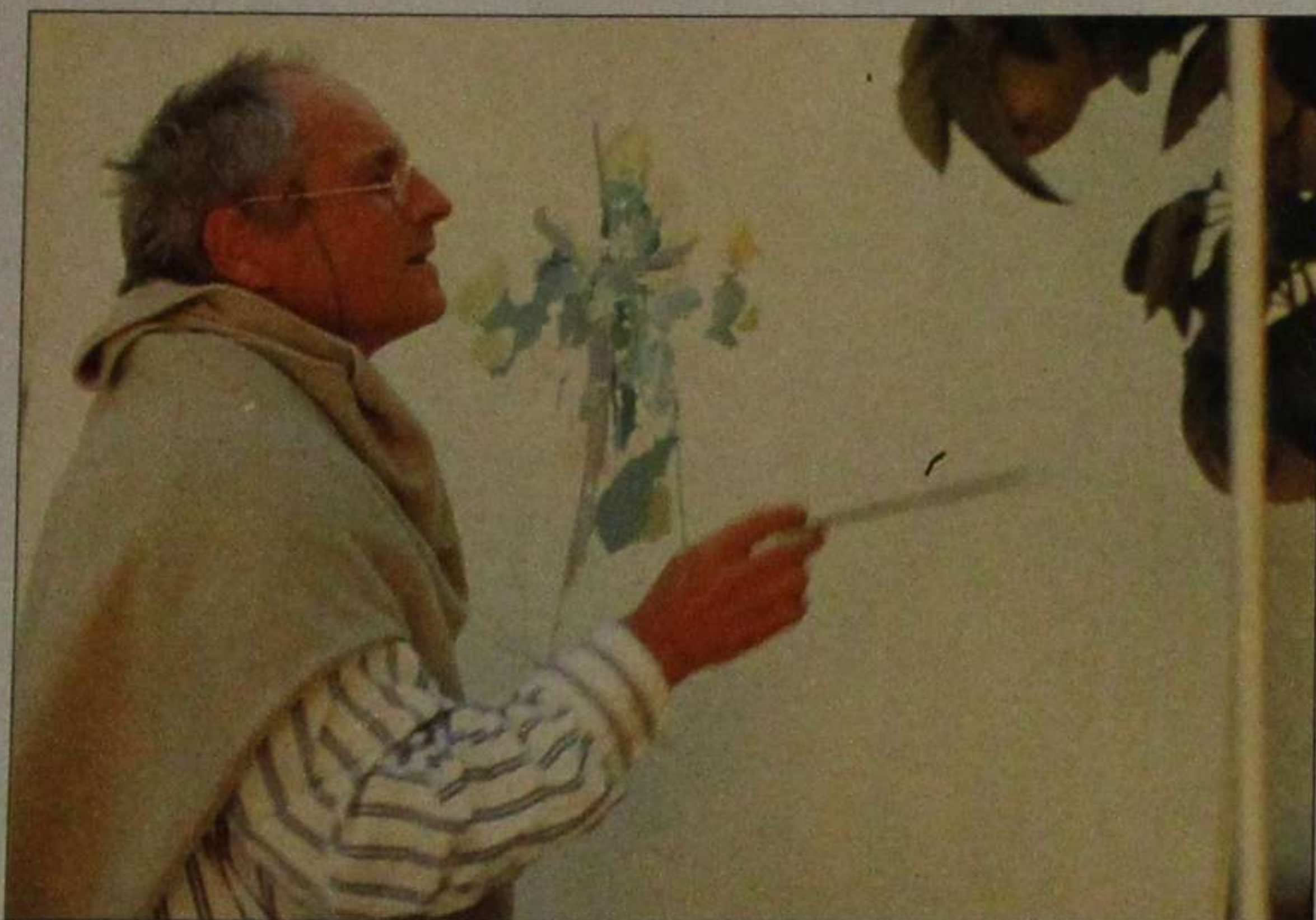
## O pecado de Michael Jackson

SONDAGEM

50 boas razões  
para viver em Portugal

ACORES ..... 390\$00 MADEIRA ..... 370\$00 ALEMANHA ..... 8 DM BÉLGICA ..... 150 FB FRANÇA ..... 28 FF SUÍÇA ..... 5.5 FS

## CINEMA



## O Sonho da Luz

EL SOL DEL MEMBRILLO  
de Victor Erice  
com Antonio Lopez

Os acidentes, como os diamantes, são eternos. Toda a ideia deste filme de luxo partiu de uma cadeia de acidentes para chegar a encenar aquilo que faz deles o grande cimento da criação. Contrariamente à ideia fácil dos que artístam ao sabor da inspiração, seja ela o que for, *El Sol Del Membrillo* está todo arquitetado em torno da ideia de construção. Assim, surgiu a premissa deste filme após a tentativa de o realizador, Erice, experimentar com a câmara as mesmas posições que o pintor, Lopez, experimentara com a tela. Irresolvido o diferecendo (inevitável), fez-se luz, quando o primeiro soube dos projectos do segundo: pintar um marmeleiro que tinha plantado no jardim de sua casa. Ele filmaria o que o outro fosse pintando, «partindo das coisas tal como elas são». Eis o logro e a beleza deste filme.

De natureza aparentemente semelhante à de um documentário televisivo (filmar o trabalho de um artista), esta espécie de diário da empresa vã de um pintor que consiste em tentar fixar o efeito que a luz outonal tem sobre a árvore, renuncia propositadamente à efabulação. Tudo é *work in progress*: os operários que edificam o

novo atelier; os amigos que o visitam; as refeições quotidianas. Realista e minucioso como os pincéis de Lopez, diligentemente apostados em fixar o tempo no marmeleiro, maturando o quadro enquanto amadurecem os frutos. Essa ambição excessiva, utópica, de fixação do real é a excelente alavanca para pensar a arte como aperfeiçoamento subjectivo da vida e, af, as relações do cinema com a pintura. Ele aceita prestar-se à presença da câmara, com a mesma dúbia docilidade com que a árvore se lhe oferece. Cézarne enfrentara o mesmo sublime mistério, contra as medas de palha, as suas montanhas, enfim, o inesgotável real. A audácia está no atrevimento da escolha. O enquadramento, no cinema, o espaço da tela, na pintura, testemunham do mesmo gesto de fechamento. Rivette tinha-nos proposto uma reflexão semelhante, com *A Bela Impertinente*. A saber, muito a la Schopenhauer, que tudo é representação. O real és tu e eu em todo o lado, se quisermos. Assumir a ilusão irrisória dos «factos» e seus aparentes nexos, contra a vertigem da paisagem audiovisual, imparável, que apenas surge, sem ninguém a enquadrar. Ir contra e instalar esse clima durante duas horas é um belíssima aposta. É cinema, no sentido mais estrito do termo.

Teresa Carmo

## DISCOS

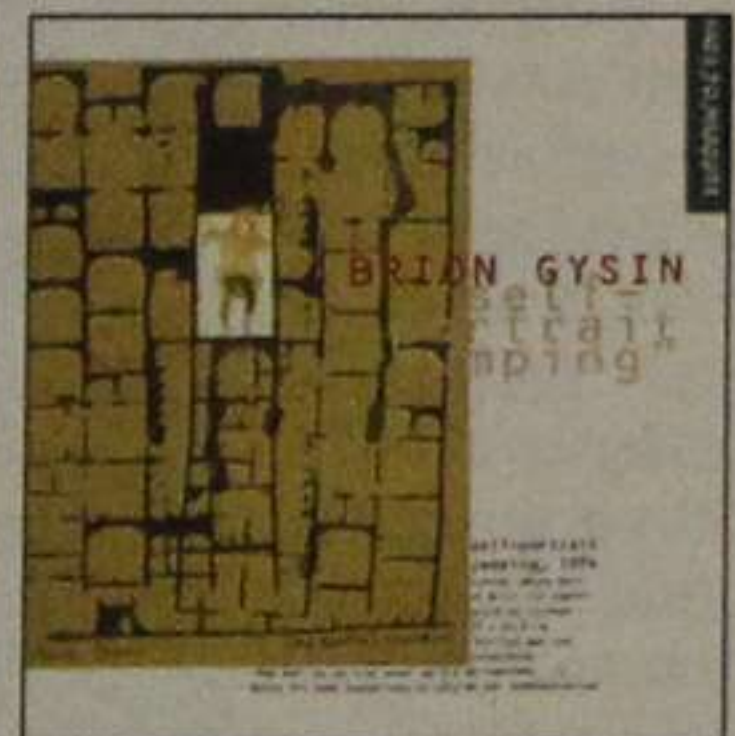
Self-Portrait  
Jumping, 1974

BRION GYSIN  
(Made to Measure CD 69m 20s)

Fui apresentado a Brion Gysin por Steve Lacy, saxofonista de outras músicas, quase todas, artista que visita de soprano em punho culturas e modos de as fazer bem diferentes. Apresentou-me em 1981 numa caixa com um LP e um single onde, em sexteto, Lacy tocava textos de Gysin. Ficaram pois em cantigas. Havia desenhos também. De Gysin.

Este disco onde Gysin é também personagem essencial caiu-me no colo há pouco tempo. Não podia ter caído antes. É de 93. É de 93, mas a maioria das gravações são dos primeiros anos dos 80 em Paris e algumas (poucas, duas, em 1990 e 1992) em Lisboa!! Souberam?

O conjunto de voz+texto é muito interessante. Brion recita poemas, textos, textos poéticos (?) seus, enquanto músicos os comentam sonoramente com os seus instrumentos, algumas vezes em gravações de datas diferentes.



Entre os músicos destaca-se a presença do trompetista, ou melhor, do cornetim ou corneteiro Don Cherry

e do saxofonista (soprano e sempre soprano) Steve Lacy, de novo. Há ainda ilustrações de obras gráficas, plásticas de Brion numa apresentação admirável. O *booklet* é giro, bem giro, e permite-nos seguir os textos do poeta-pintor.

O responsável musical principal é Ramuntcho Matta (toca guitarras, usa teclados e aplica a sua voz, aqui e ali), trabalho que é fruto dum conhecimento íntimo que o músico tinha do cantador de histórias que afinal era Brion Gysin, que morreu o ano passado.

*Kick* é o primeiro texto, ilustrado por Cherry com o instrumento abafado por uma surdina, enquanto boa percussão corre com declamação rap incluída. Brion joga com uma única frase (*Kick That Habit Man*), desdobrando-a até ao fim das possibilidades combinatórias entre as palavras: *kick habit that man, habit that kick man, habit kick that man, that*

*kick man habit, etc.* No programa radiofónico *Pão com Manteiga* (1980 e seguintes) praticava-se muito esta apaixonante técnica que desmultiplica o sentido de uma ingénua frase que seja. Coisas das quais Alberto Pimenta ou Melo e Castro sabem tudo. O mesmo se aplica à experiência seguinte com *Junk Is No Good Baby* e um sabor a um Bob Marley falhado, a um «calypso» de segunda. Sempre com muita percussão e a voz dum tal Medeiros, aparece *Stop Smoking* onde Brion goza e tosse, estimula a expectoração e repete descrente *Stop Smoking*. É das melhores peças do CD, foi também gravado em Lisboa mas a Medeiros não é Maria é Elli. Tudo o resto é também inesperado sempre e original, como «VVV» com duas jovens (diz a minha imaginação) a cantarem *we're the sisters of Sapho...* Sapho era de Lesbos, como sabem uma ilha do mar Egeu!... É um disco-espectáculo, uma série de provocações faladas e bem acompanhadas com música. A última, *The Door*, tem (como todas, aliás) bom trabalho de estúdio e «limita-se» a combinar a leitura por Brion de excertos de *The Beat Hotel*, livro seu que não foi publicado, com barulhos de porta e sons de sax soprano. Um disco para ouvir, não vai lá com descrição escrita. Passa em *Rui de Azevedo* programa da RDPI, às terças.

José Duarte

## LIVROS

## A Rainha e Eu

SUE TOWNSEND  
Ed. Difel, 1993  
279 pp., 2 362\$50



A popularidade da nobreza inglesa nunca esteve tão em baixo. Os gloriosos tempos da Commonwealth, em que todas as antigas colónias faziam a vénia a Sua Majestade, são apenas uma recordação para consumo dos livros de história. E os casos de Lady Di e de Sarah Ferguson fizeram com que os índices de popularidade do Tro-no britânico ficassem semelhantes aos do Governo de John Major. Não admira que, enquanto os mais ortodoxos recor-

davam com uma lágrima no canto do olho os tempos da Rainha Vitória, outros mais libertinos começassem a falar na República. Por isso, este livro da já nossa conhecida Sue Townsend é mais um tiro na testa da Coroa. A autora cria uma ficção devastadora: e se um partido republicano ganhasse as eleições e pedisse, com pouca pompa e circunstância, à família Real que saísse de Buckingham e se mudasse para um local mais modesto, próximo dos comuns mortais?

Townsend, que conhecemos de obras como *O Diário Secreto de Adrian Mole*, cria aqui uma nova ficção que nos conquista com situações hilariantes, página após página. A autora não reprime o seu prazer, que é pôr em confronto uma monarquia desatenta ao que se passa nas ruas, e os novos dirigentes armados com uma linguagem pouco polida. Afinal, Sue Townsend arrisca no campo do mais delicioso humor britânico (as lições de Tom Sharpe, David Frost ou Jonathan Lynn moram aqui), fazendo uma divertida sátira aos grandes pecados da Inglaterra, que ainda supõe ser uma grande potência. Só os mal-humorados de nascença não vão achar piada a estas páginas de uma senhora que escreve com um sorriso trocista nos lábios.

Fernando Sobral

## Incesto

ANAÍS NIN  
Ed. Presença, 1993  
367 pp., 3 250\$00

A relação de um escritor com o diário, onde vai deixando os seus pensamentos, para que mais tarde ele funcione como memória (inclusive colectiva) não é de agora. Mas, na generalidade dos casos, essas páginas acabam por revelar mais sobre a personalidade dos escritores, do que o conjunto da sua obra. E sabe-se que a curiosidade pública está sempre ávida dos pormenores íntimos da vida de certas pessoas. E os diários ajudam muito a isso. Este livro de Anaís Nin, subtintulado *O diário inexpurgado — 1932-1934*, revela-nos uma das fases da vida da escritora, já quando a sua troca de galhardetes amorosos com Henry Miller tinha perdido alguma efervescência.

Mas estas páginas desnudam muito daquilo que foram esses anos em Paris, palco para as mais arrebatadas guerrilhas amorosas e culturais. Anaís Nin fala aqui das suas relações com o pai, mas também com outros homens que cirandavam à volta da sua vida — de Otto Rank (o seu psiquiatra e amante) a Antonin Artaud. As dúvidas da autora surgem nestas páginas sem fronteiras, como se fosse um dique que tivesse re-

bentado. Por alguma razão ela escreve, sempre na corda bamba das dúvidas, «eu traio os homens porque os homens são traiçoeiros. Pensa como eu estaria agora a sofrer se me tivesse entregue totalmente ao meu Pai; e mesmo assim vê o que sofro pelo que cheguei a dar a um materialista indigno e Don Juan insensível» (pág. 301). O importante neste *Incesto* é a forma como ilumina uma época que, ainda hoje, surge como aquela onde se procuraram os limites do prazer humano. E essa é a sua maior virtude.

F.S.

## REVISTAS

## Sin International

JULHO/AGOSTO  
80 pp., 820\$00

É pecado ler a *Sin International*? Deve ler-se às escondidas para que ninguém nos acuse de estarmos a ler uma revista que apela aos pecados não originais? Não, esta revista, agora com distribuição em Portugal, segue uma tendência bastante comum nos Estados Unidos, onde tem origem.

Textos sobre a vanguarda e as tendências underground sucedem-se num formato pouco habitual «a dar para o quadrado» e onde o preto e branco regressa em força. Da pop à poesia, de uma «história astrológica da rebelião» aos movimentos urbanos, tudo aqui descortinado. Os três publishers da revista surgem identificados, à frente do seu nome, como «cérebro esquerdo», «cérebro direito» e «cortex cerebral». Um mimo. Gráficamente muito interessante.

*Sin International*, sem o novo-riquismo de uma *Mondo 2000* ou *Wired*, é um prazer para os olhos. A Carta do Editor é explícita: «Eu estou muito contente que possamos promover uma plataforma para as ideias e para a arte que nunca teriam lugar nos media normais.» Ficamos elucidados.

F.S.

